

Simonsen aplaude a tática de Alfonsín perante os credores

A atitude da Argentina perante seus credores internacionais tem sido extremamente útil aos demais países devedores da América Latina e deverá resultar em melhores condições para o reescalonamento das dívidas externas de todos os países latino-americanos, entre eles o Brasil, afirmou na última segunda-feira o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen, antes de viajar para Nova Iorque, a fim de participar, na terça-feira, das eleições para o cargo de presidente do Citibank.

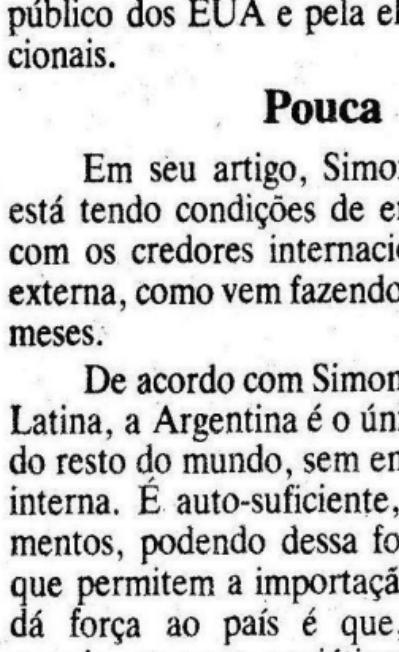
Segundo Simonsen, que escreveu um artigo sobre a política de dívida externa da Argentina para a Revista Simposium, a ser publicado na próxima edição, denominado "A Conexão Portenha", o Governo de Alfonsín vem praticando uma verdadeira tática de guerrilha contra os governos e bancos credores dos países industrializados, confundindo-os quanto sua intenção de honrar ou não o pagamento da dívida.

"Guerrilha"

É possível prever se essa guerrilha, cujas pontas-de-lança são Raul Prebisch e Bernardo Grispun — o primeiro dizendo que quer pagar e o segundo defendendo a moratória — auxiliará o Governo de Alfonsín, externa e internamente, diz Simonsen. Mas acrescenta:

— Um fato é certo, porém, vai auxiliar os demais países devedores a obterem melhores condições de negociação, até mesmo a capitalização dos juros da dívida externa.

É por causa da atitude argentina, assinala ainda ex-Ministro, que o gerente do Fundo Monetário International, Jacques de Larosière, o presidente do Banco International de Pagamento (BIS), Fritz Leutwiller, e a direção do Banco Central norte-americano (Federal Reserve) vêm defendendo condições mais favoráveis para o reescalonamento das dívidas dos países devedores, principalmente para os que desenvolveram razoáveis esforços de ajustamento de suas economias, como é o caso do Brasil e do México.



Só falta ceder agora, na opinião de Simonsen, para que novas propostas de negociação de dívidas sejam aceitas por Governos e bancos credores, o Tesouro norte-americano, que está sendo o último bastião do conservadorismo quanto a mudanças no sistema financeiro internacional, não aceitando reformas, por interesse próprio. Afinal de contas, é o Tesouro norte-americano o principal responsável pelo enorme déficit público dos EUA e pela elevação das taxas de juros internacionais.

Pouca dependência

Em seu artigo, Simonsen explica por que a Argentina está tendo condições de entrar em uma confrontação direta com os credores internacionais, deixando de pagar a dívida externa, como vem fazendo, já que não paga os juros há vários meses.

De acordo com Simonsen, de todos os países da América Latina, a Argentina é o único que tem meios reais de se isolar do resto do mundo, sem enfrentar uma grave crise econômica interna. É auto-suficiente, praticamente, em petróleo e alimentos, podendo dessa forma perder os créditos comerciais que permitem a importação de produtos. Um outro fato que dá força ao país é que, "graças ao boicote dos norte-americanos aos soviéticos, a União Soviética acabou se tornando um forte parceiro comercial da Argentina, assim como os demais países da Cortina de Ferro".

E existe ainda uma outra vantagem a favor de Alfonsín e seus ministros econômicos citada por Simonsen: a maior parte das importações de que necessita o país pode ser obtida na própria América Latina, particularmente no Brasil e no México. Logo, a ameaça de isolar-se do comércio com os países credores, caso declare mesmo publicamente o estado de moratória, então apenas o pratique, é bem menos aterradora para a Argentina do que para qualquer outra nação latino-americana.

A única crítica mais dura de Simonsen à política econômica de Alfonsín diz respeito à economia interna, que ele considera que vem sendo mal administrada, devido a compromissos políticos, que exigem, por exemplo, uma política salarial condescendente.

Mas a política externa tem o apoio do ex-Ministro, apesar da ambigüidade, porque poderá transformar-se no "susto que o Governo Reagan está precisando". Simonsen observa, ainda, em seu artigo:

— Pode-se alegar que a posição argentina é absolutamente irracional, ao avisar aos credores que considera parcialmente legítima de sua dívida externa apenas 27 bilhões de dólares, e não o total de cerca de 45 bilhões de dólares, já que o restante foi contraído principalmente para financiar erros econômicos e políticos cometidos pelo antigo regime. Em todo caso, para temperar as irracionalidades do maior credor (os Estados Unidos) nada mais excitante do que a bravata de um grande devedor.

E conclui:

— Afinal, o tratamento do problema das dívidas externas pelo Governo norte-americano tem sido um primor de levianidade. A reaganomia (que tem gerado juros elevadíssimos, através da combinação dos déficits públicos com o monetarismo, juros esses que excitam mais ainda o protecionismo comercial) desvasta as nações devedoras. E o pior é que os bancos é que vem sendo apontados perante à opinião pública dos Estados Unidos como os vilões da história, como se fossem os fixadores e não os repassadores dos juros altos.

Esse artigo da Revista Simposium, no qual o ex-Ministro emprega uma linguagem extremamente solta e irônica, não utilizada antes nos demais artigos, será o último

— o degradado — pois a Revista Simposium vai acabar, informou Simonsen.